

O Fenómeno Humano

(Ciência e Cristo)¹

Neste ensaio TC começa por verificar que a Ciência tem tido uma influência unificadora dos diversos «compartimentos» do mundo através da descoberta das partículas elementares da matéria e das suas múltiplas possibilidades de organização. Chama, no entanto, a atenção para o facto de que o Homem quase escapa a esta situação pois, se por um lado pode ser comparado com os restantes animais e com a matéria em geral, à luz do que acima se referiu (organização da matéria), por outro lado é completamente distinto da restante realidade, devido à sua capacidade de pensamento. TC pretende com este ensaio sugerir um ponto de vista a partir do qual as diversas ciências do Homem (sociologia, etc.) se liguem à Ciência dos átomos e dos grandes números.

1

*Acrescento aqui um **parêntesis** por pensar que possa haver nesta assembleia alguém que não esteja familiarizado com a lei dos grandes números (da Teoria das Probabilidades) que refere qual o resultado da mesma experiência feita repetidas vezes. Um exemplo: Imaginemos que temos uma caixa tapada, com apenas uma abertura por onde pode entrar a nossa mão, mas não permite ver o que a caixa contém. Imaginemos que dentro da caixa está número igual de bolas verdes e encarnadas, que lá foram colocadas por alguém sem nós vermos. Metemos a mão na caixa, tiramos 2 bolas e registamos num papel as suas cores. Podem ser ambas verdes ou ambas encarnadas ou uma verde e a outra encarnada. Tornamos a colocar as bolas dentro da caixa e agitamo-la para misturar bem o seu conteúdo. Repetimos esta sequência de operações, não esquecendo de registar de cada vez que tiramos as bolas quais as suas cores, de as devolver à caixa e de agitá-la. É muito possível que ao fim de 4 exercícios tenhamos um registo de que tirámos apenas 2 bolas encarnadas e 6 verdes, muito longe da proporção de cores presente dentro da caixa, mas se formos repetindo o mesmo exercício iremos certamente obter no registo acima referido resultados do tipo 18 de uma cor e 20 da outra cor, ou mesmo 19 de cada cor, tendo-nos, portanto, aproximado da proporção real das cores das bolas que estão na caixa, Poderemos então «adivinhar» que dentro da caixa estarão bolas verdes e encarnadas em igual número e, arriscarmo-nos a supor que não estará lá mais nada além das bolas. Claro que não se trata de uma certeza, a qual só poderíamos ter se tivéssemos despejado a caixa, mas há uma grande probabilidade de não errarmos por muito.*

Após este parêntesis voltemos ao que TC diz (e por isso repito o que afirmei acima; TC pretende sugerir um ponto de vista a partir do qual as diversas ciências do Homem (sociologia, etc) se liguem à Ciência (com maiúscula) dos átomos e dos grandes números.

As ciências da humanidade desenvolvem-se a partir de átomos, mas não de átomos físicos, constituídos por prótons, eletrões e neutrões. Para as ciências humanas, como geralmente as encaramos, com algum egoísmo, é o ser humano, a pessoa, que faz as vezes de átomo, colocando-se no centro das preocupações, do estudo e dirige as pesquisas. Deste modo Ciências do Homem e Ciências da Natureza abordam o Real em dois sentidos contrários,

¹ Ensaio de Teilhard de Chardin, escrito em Paris, em setembro de 1928, e inserido no tomo 9 (“Ciência e Cristo”) das Obras Completas, Seuil

o que nos faz crer que pertencem a dois universos distintos, Mas se olharmos a Humanidade não com olhos de Homem (de dentro) mas como observador distante, por conjuntos, a partir de fora, então a Humanidade assume uma fisionomia bastante semelhante à de todas as outras grandezas que constituem o Cosmos.

Deste ponto de vista reconheceremos, em relação ao mundo humano, as mesmas leis que regem a vida dos seres não humanos:

1 – Lei da irregularidade no crescimento: os progressos efectuam-se ora depressa ora lentamente, ora aqui ora acolá.

2 – Lei do nascimento: cada ideia ou habilidade forma-se por ampliação ou diferenciação de um núcleo restrito onde surgem potencialidades que se difundem no meio humano.

3 – Lei das substituições: nenhuma instituição social se aperfeiçoa indefinidamente num determinado aspecto, pois mais cedo ou mais tarde é substituída por outra.

E assim por diante. Não há um único movimento geral da matéria organizada (adaptação, mutações, hereditariedade, etc.) que não tenha o seu equivalente no complexo social humano e, curiosamente, este complexo cada vez mais alimenta uma Sociedade, no seu todo, revela cada vez mais analogias dentro de si, que nos levam a tratá-lo como uma só coisa organizada. Os grupos étnicos cada vez mais se interpenetram, o comércio, a política, os livros, os cereais, só para apresentar alguns exemplos, cada vez mais circulam e alimentam uma sociedade cuja vida espiritual se torna sempre mais dependente dessa circulação.

O estabelecimento gradual e o funcionamento da Humanidade são realidades que se podem ver em continuidade com o resto da Vida: eis, segundo TC, um primeiro passo na percepção do Fenómeno humano.

Se procurarmos agora observar a Humanidade ainda de mais longe e discernir apenas. como nas massas líquidas ou gasosas, o conjunto móvel dos elementos, constataremos que sobre o mundo se estende um véu impessoal e geométrico de uma nova Matéria: regime constante de nascimentos e mortes, revelado pela Estatística, pressões dos povos sobre superfícies desocupadas, pressão dos espíritos sobre os limites, cada vez mais afastados da impotência e da ignorância, entre outros exemplos. Todos estes factos nos sugerem que ***os grandes números***, com a sua possibilidade de expressão matemática e a sua tirania, mas também com os seus recursos em energias acumuladas e tentativas fecundas, **regem a um certo nível, os movimentos gerais da Sociedade humana e a transformam num objeto que pertence não só à Biologia mas também à Física.**

Trata-se de uma conjunção natural: cada vez mais as diversas disciplinas do Universo tendem a ligar-se entre si, procurando o mecanismo, as fases e o prolongamento dum processo imenso: ***o desenvolvimento do Universo.*** Existe, pois, apenas um fenómeno em curso e o Homem não poderia ficar fora desse fenómeno.

O Homem é, pois, estudável como um fenómeno. Não existe barreira entre Ciências do Homem e Ciências da Natureza, desde que se tome consciência da unidade da evolução cósmica.

Convém registar que várias das analogias mecânicas e biológicas afloradas neste ensaio, não tinham sido até ao tempo de TC (este ensaio foi escrito em 1928) adequadamente encaradas. É que à medida que o mundo se metamorfoseia, de círculo em círculo, passa por um enriquecimento e refusão internos: apresenta-se sob um novo estado em que algumas das propriedades anteriores se mantêm, mas outras são renovadas.

Deste modo as leis que regulam as reuniões de átomos, ou de células, de animais ou de humanos, as leis de afinidade e a natureza das ligações entre elementos apresentam-se simultaneamente como iguais e diferentes. Não podemos imaginar a Terra como uma máquina, um animal ou uma pessoa, mas não podemos negar que cada vez mais tudo o que sabemos nos leva a considerar o «invólucro pensante» e o restante «invólucro vivo» da Terra como um todo orgânico sui generis, o que basta para que tenhamos de colocar o Homem e a sua aparição sobre a Terra entre os fenómenos da Natureza.

Mas para exprimir os modos de ser e de agir do Todo humano temos também de criar novos conceitos. O mesmo se passou, aliás e por exemplo, nas ciências matemáticas, ao criarmos, entre outros exemplos, os conceitos de números irracionais e de infinitos de várias ordens de grandeza (infinitos que contêm infinitos de menor ordem, *(como a série de números pares contida na série de números racionais, ambas séries infinitas)*).

Por tudo isto perceber o Fenómeno humano não significa apenas reconhecer a ligação dos factos sociais com o desenvolvimento histórico geral do mundo. Ao mesmo tempo torna-se necessário efectuar a transposição das leis e noções organo-físicas estabelecidas para o Mundo, primeiro da matéria bruta, depois da matéria vitalizada e, por fim, para o mundo renovado pelo aparecimento da reflexão – **o mundo hominizado**.

Ao reintegrarmos assim o Homem no edifício do Mundo ele, Homem, passa a ter um valor imenso para a Ciência, pois só poderá ser considerado como um fenómeno de primeira ordem.

Qualitativamente o Homem manifesta em grau privilegiado aquilo a que poderemos chamar a corrente psíquica do Universo. Tal como a enorme intensidade da radiação do elemento químico Rádio revelou à Física uma propriedade universal da Matéria - a radioactividade - da mesma forma no domínio humano os fenómenos de espontaneidade, consciência, liberdade se manifestam com valor cósmico. **Não reconhecível no Mundo dos átomos, muitas vezes desprezível no dos seres organizados, é, no entanto, o fenómeno principal do Mundo humano.** Este ponto parece incontestável.

Mas há mais: a Humanidade evolui de forma a criar uma unidade natural de extensão tão ampla quanto a Terra. Na realidade à sua litosfera, atmosfera, bioesfera, etc a Terra está acrescentando, por meio de nós, mais um envoltório, a sua camada mais importante de todas, a **noosfera**. O fenómeno humano tem como dimensões as do planeta. O Fenómeno

humano faz a ciência penetrar no segredo das forças elementares do Mundo. A Humanidade é a Terra (ou a Natureza) «hominizada».

Esta hominização tem um carácter especial. É irreversível. Tanto quanto conseguimos aperceber-nos o psíquico nunca deixou de crescer no Mundo. **Qual o significado deste constante crescimento?** TC faz uma sugestão a este respeito: pela amplitude das perspectivas psíquicas que revela este fenómeno só pode ser comparado à tendência inelutável do Físico-químico em direcção ao mais provável, a que **chamamos Entropia**. Note-se que a Entropia mede a desorganização de um sistema e, segundo os cientistas, tem constantemente tendência para aumentar. A Ciência tem tido o costume de só construir o Mundo físico, tendo presentes as leis do acaso e dos grandes números, o que conduz a uma atenuação crescente das energias permutáveis e a **uma difusão desorganizada. Mas a Humanidade, se a considerarmos um fenómeno físico, obriga-nos a considerar outra irreversibilidade fundamental: a que levaria as coisas no sentido do improvável, ou seja a construções mais amplamente organizadas. Deste modo, ao lado da Entropia, haveria camuflada no material, aflorando no organizado, mas sobretudo visível no humano, a corrente do Espírito**

Se assim for poderemos, a partir de dentro, explorar o Universo que a Física tem vindo a tentar apreender a partir de fora. Se as leis da Matéria viva podem ser seguidas remontando até nós, e encontrar-se em nós hominizadas, então podemos compreendê-las, descendo até elas, a partir de dentro, para nelas nos reconhecemos materializados.

Praticamente ver-nos íamos depositários responsáveis por uma parte da energia universal, levada a um certo grau supremo de elaboração, que deveríamos conservar e propagar. A Humanidade constituiria uma frente de avanço cósmico e deveríamos tirar partido de todas as potências da terra para favorecer os progressos do Improvável. Para tal seria fundamental que a massa humana não deixasse desperdiçar, nem diminuir em si o respeito, o gosto, o fervor pela Vida, sem o que a noosfera se esvai.

TC gostaria de apressar o momento em que a Ciência há de integrar decididamente a Humanidade na Terra e no Mundo, e considera que é difícil descartar os dois prognósticos seguintes:

1 – A Física não poderá confinar-se ao estudo a partir de fora dos fenómenos regidos pelas leis dos grandes números e da entropia. Deverá recorrer a símbolos ou funções complexas em que se exprimam a outra face das coisas, a saber: a espontaneidade individual e a organização progressiva dos elementos, vistos a partir de dentro. **Por escapar às medidas e aos cálculos isto não é menos físico que aquilo.**

2 – Depois de ter sido considerada durante muito tempo como elemento cientificamente acessório, ou mesmo aberrante, do Universo a Humanidade acabará por revelar-se um fenómeno fundamental. Será considerada como o fenómeno por excelência da Natureza: aquele que, numa complexidade singular de factores materiais e morais é por nós não só experimentado mas também vivenciado como um dos principais atos da evolução universal.